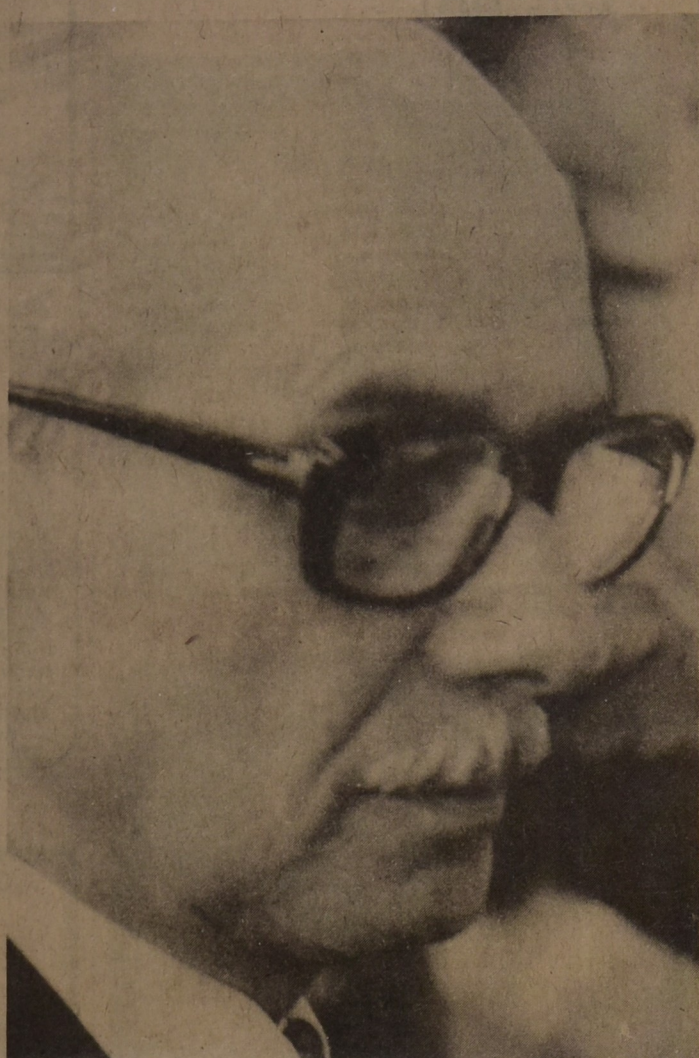


Uma pioneira da militância política, a Igreja, Cuba, a abertura e a universidade



"A Igreja é hoje a principal força da justiça social no Brasil"



Teresina Rocchi: uma militante culta e muito combativa

Opiniões de Antônio Cândido

PAULO MAYR CERQUEIRA

O professor Antônio Cândido de Mello e Souza ou "Antonio lúcido, límpido que conhece e pratica a força imponderável da intuição", como escreveu o poeta Drummond, diz que à medida que a vida passa e ele fica velho, se convence cada vez mais de que muitas pessoas que estão em evidência não têm qualidade nenhuma para isso. O mero acaso, quando não são qualidades pessoais extremamente negativas, faz com que elas cheguem à primeira fila. E é grande o número das pessoas realmente de valor que não têm vez na vida.

Uma dessas pessoas foi Teresina Carini Rocchi (1863 — 1951), sua primeira mestra de socialismo, que ele homenageia no livro *Teresina Etc* recentemente lançado pela Editora Paz e Terra.

Após esse livro, o nome de Teresina, uma mulher extremamente culta e combativa, até então pouco conhecido, passou a ocupar o lugar que lhe pertence entre os militantes anarquistas do Brasil.

Antônio Cândido gosta de homenagear mas não gosta de ser homenageado. Sobre o livro *Esboço de Figura* (Livraria Duas Cidades), lançado no ano passado com a colaboração de vários intelectuais para comemorar seu sexagésimo aniversário e sua aposentadoria como professor de Teoria Literária da USP, ele diz: "Essa manifestação foi extremamente gentil e sincera mas muito imerecida. Fico apreensivo quando sinto o exagero da minha importância. Meus amigos mais chegados sabem que me sinto muito aquém do papel que me atribuem."

Essa maneira de ser também costuma fazê-lo fugir sistematicamente de entrevistas. Conseguir esse seu depoimento sobre religião, política, universidade, Cuba e a atuação dos intelectuais na sociedade, custou ao repórter algum tempo de insistentes pedidos.

Folha — Teresina dizia: a verdadeira religião é não ter nenhuma religião. Como o senhor vê o início do anticlericalismo?

Antônio Cândido — O anticlericalismo naquele tempo era uma coisa muito positiva, embora tivesse aspectos ridículos. Ele se baseava em razões pseudocientíficas para interpretar a história do cristianismo, procurava provar a impossibilidade da fé por meio da ciência, e isso é uma coisa que não se prova nem deixa de provar. Mas na medida em que pensava estar com a verdade científica, o anticlericalista era frequentemente um homem ligado aos movimentos de progresso social. E se o anticlericalismo teve aspectos falsos e ridículos, socialmente teve aspectos muito importantes porque preparou muita gente, sobretudo os jovens, para uma atitude de inconformismo em face dos poderes estabelecidos, que naquele tempo eram estreitamente ligados à Igreja. A geração de vocês, que está acostumada com essa Igreja militante de agora, não pode imaginar o que era a do meu tempo. Era uma coisa tremenda, começando pelo comportamento dos seus membros. Eles tomavam atitudes de homens privilegiados dentro da sociedade, sobretudo os cônegos, monsenhores, bispos e arcebispos que levavam vidas confortáveis e até luxuosas. Alguns eram politiquinhos da oligarquia, ganhavam dinheiro, jogava-

vam, tinham automóveis de luxo, mesmo aqueles de paróquias pobres. Tanto assim que as pessoas sem recursos frequentemente queriam que os filhos fossem padres para poderem viver bem e colocar a família. Então era realmente uma casta privilegiada, quase como se fosse uma nobreza religiosa. Isto nos meus dias de menino e até há uns vinte anos atrás mais ou menos. A impressão que se tinha é que a Igreja existia para convencer os pobres de que a pobreza era um desejo de Deus a que eles deviam se conformar aqui para serem felizes no outro mundo, assim como a riqueza também era justificada pela vontade de Deus. Isto justificava amplamente o anticlericalismo.

Folha — E hoje, como o senhor vê a Igreja?

Antônio Cândido — Hoje eu considero a Igreja talvez a força mais importante do Brasil no sentido da justiça social. Acho que não há partido político nenhum que tenha a capacidade de libertação humana, de senso de justiça e de luta pela fraternidade que ela tem. Sempre tive uma espécie de desejo de que a Igreja pudesse desempenhar o papel de que é capaz, graças à sua capacidade de audiência e seu prestígio. Eu pensava: se ela assumisse a iniciativa de lutar pela justiça, ninguém poderia com ela. Mas imaginava que era quase impossível. Encontrei outro dia um artigo meu em que ponho isso em dúvida. O artigo é de 1947, quando começaram a aparecer os católicos progressistas. Depois deu a impressão de quase milagre o aparecimento de uma papa como João 23, mas não foi milagre; ele veio corresponder a um movimento natural dentro da Igreja, porque já havia uma teologia da justiça social, da libertação humana, que vinha sendo desenvolvida por muitos pensadores católicos. E hoje a Igreja é um fator fundamental de justiça social no mundo moderno e acabou tornando obsoleto o esquema tradicional dos partidos revolucionários em relação a ela. Os partidos revolucionários têm que redefinir sua maneira de ser e suas tarefas em face do que ela faz. Muito mais do que os partidos, a Igreja tem a capacidade de penetrar no cotidiano de cada pessoa, e através dessa penetração operar a transformação.

Folha — E o senhor acredita que realmente ela opera essa transformação?

Antônio Cândido — Acho que sim. Acho que a mudança de mentalidade e a disposição de militância que há hoje, não só no operariado, mas em parte da classe média brasileira, é devida em grande parte à Igreja.

Folha — E quanto ao aparato todo que cercou a visita do Papa?

Antônio Cândido — Esse é um aspecto contingente da Igreja, são aspectos políticos, mundanos e diplomáticos. Não é sobre eles que estou falando. Não pensei muito a esse respeito, confesso. Também não conheço bem a situação para saber se há interesse positivo da Igreja em levar a sua melhor mensagem através do Papa aos países subdesenvolvidos ou se é uma manobra da Igreja oficial junto aos governos justamente para desautorizar as tendências progressistas que há nela. Não sei. É possível que dentro da Igreja estejam preparando com esse pontificado as forças oligárquicas, reacionárias e antiprogressistas. Mas a Igreja tem uma propriedade extraordinária de agir dialeticamente e sabe dirigir de maneira notável os prós e os

contras. Mas o que interessa é que a Igreja atual está permitindo a existência dentro dela de uma ala muito ponderável ligada ao progresso e à justiça social.

Folha — Mudando de assunto, o senhor que esteve em Cuba e que voltou muito bem impressionado, como viu a debandada em massa da Ilha de Fidel?

Antônio Cândido — Não tenho muitos dados sobre isso, mas posso mencionar alguns pontos. Em primeiro lugar, não acho nada espantoso que numa população de nove milhões de habitantes, um milhão esteja descontente e contra o regime. Não vejo nisso escândalo nenhum e nem prova de falência do regime. Em segundo lugar, eu veria até a prova de um certo liberalismo porque não conheço regime de esquerda nenhum que permita a saída dos descontentes com tanta facilidade. Quando a gente nota as imensas contradições da imprensa nas informações, a impressão é que não apenas as notícias estão sendo exploradas com muita má vontade, mas que realmente nós não sabemos o que se passa com exatidão. Eu li por exemplo que os refugiados tinham que passar por um "corredor polonês" onde eram espancados, batidos e cuspidos. Depois vi pela televisão cenas dessa saída. Não era bem assim. Eles passavam num corredor de mais ou menos cinquenta metros e o que vi foi justamente o contrário: um dos que estavam deixando o país foi agredido um outro que ficava. Mas repito que o fenômeno de descontentamento com qualquer regime é sempre grande. Se amanhã, aqui no Estado de São Paulo, o governo facilitar a saída das pessoas descontentes para um lugar que julguem melhor, para os Estados Unidos, por exemplo, muita gente iria embora também. Não vejo essa saída dos cubanos como nenhum sintoma de desagregação do regime nem de truculências. Vejo como saída normal de pessoas insatisfeitas de um país pobre onde a vida é extremamente difícil e onde a construção do socialismo impõe grandes sacrifícios. As pessoas que não estão dispostas a estes sacrifícios vão embora. Eu continuo entusiasmado dos resultados da Revolução Cubana, mas não tenho nenhuma visão idílica de Cuba. Lá deve haver injustiças, violências, prisões injustas, prepotência do governo, como há em todo lugar infelizmente. Mas os resultados positivos são de tal ordem que acho que não há termo de comparação entre uma coisa e outra. Um país que conseguiu acabar com a fome, com as doenças infecciosas passíveis de controle e com o analfabetismo em vinte anos! Qual foi outro que fez isso? Costuma-se dizer muito que Cuba saiu da influência americana para cair na soviética. Perfeito, admitamos que seja isso. Então pergunta-se: o que era ela no tempo em que predominava a influência dos Estados Unidos? Era um país de prostituição, de jogo, de crime, de desemprego, de miséria e de humilhação. O que é Cuba na fase de influência da União Soviética? É um país em que não há fome, não há doença e não há miséria. Por tanto, a gente é obrigado a concluir que foi muito melhor mudar de dependência...

Folha — E sobre a nossa abertura, o que o senhor pensa?

Antônio Cândido — Comparada com o que era há alguns anos atrás, a situação é bem melhor. O governo deve ter reconhecido que não podia continuar mantendo

aqueles aparelhos de repressão, porque eles estavam desmoronando devido à grande pressão popular, das classes médias e dos intelectuais. Hoje nós temos no Brasil um padrão de liberdade de pensamento e de imprensa bastante apreciável, embora o regime autoritário esteja aí intacto com suas possibilidades de reação.

Folha — A abertura chegou à Universidade?

Antônio Cândido — A Universidade brasileira está passando por um momento muito difícil. Continuo achando que nós precisamos fazer a Universidade chegar à sua realidade própria no que se refere ao seu governo, que deve emanar da vontade e da deliberação dos docentes de todos os níveis, que são hoje muito diversificados, do auxiliar de ensino ao titular. Não são apenas os titulares que produzem e transmitem saber; portanto o poder não deve ficar entregue a eles. Enquanto o governo da Universidade não estiver na mão de todos os seus docentes, democraticamente, enquanto esses docentes não tiverem encontrado um meio de conviver universitariamente com os funcionários, enquanto funcionários e docentes não tiverem feito o mesmo em relação aos alunos, acho difícil a Universidade sair da crise em que se encontra.

Folha — E a intransigência do governo do Estado com relação à Universidade como pode ser explicada?

Antônio Cândido — O atual governo do Estado de São Paulo tem demonstrado uma incompreensão assustadora em relação a tudo que é cultura, educação e saúde, a despeito das afirmações que faz e a despeito das iniciativas inteligentes de alguns dos seus membros. Mas acho que esse governo não tem noção dos problemas universitários e tem negado ao setor de saúde e de educação um apoio mínimo sem o qual eles não podem se desenvolver. Nunca vi um governo tão insensível a esses setores quanto este. Isso pode causar prejuízos muito graves porque o atraso de quatro ou cinco anos nesses setores é uma coisa catastrófica. O número de pessoas que vai morrer indevidamente por causa da falência do setor da saúde é uma coisa incrível. O número de pessoas que não vão ter acesso ao saber por causa do desaparecimento das Universidades também é incrível. Essa incompetência ou má vontade do governo pode ter consequências catastróficas.

Folha — Quando o senhor demarca o início desse processo catastrófico?

Antônio Cândido — Isso vem vindo já de algum tempo, mas se agravou no governo Maluf.

Folha — Como o senhor analisa as possibilidades do PT, a que se filiou?

Antônio Cândido — Ao tomar a atitude de entrar no PT, segui em parte a orientação de um grande amigo que morreu em setembro do ano passado e que considero uma das maiores cabeças políticas que conheci: Febus Gikovate. Como ele, acho que o PT corresponde a uma tentativa de socialismo democrático, desta vez partindo dos próprios operários, o que é uma coisa totalmente nova no Brasil. Acho que no PT existe a possibilidade de um socialismo democrático combativo, não de um mero reformismo, por causa de sua base operária e sua alta consciência sindical.